



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIARÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaetê: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTAGROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/ NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria GERALDA de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **carla beatriz santos menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMÔNIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): **Janaína Mourão Freire**).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)

RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Rizzo**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideo - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMÓRIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA (autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): **Sandra Rangel de Souza**)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS

Dra. Edinara Terezinha de Andrade*

Camila Francelina Bertoldi Neckel*

Resumo:

Este trabalho pretende analisar as relações de gênero na Associação dos Trabalhadores Coletores de Resíduos Recicláveis de Blumenau (RECIBLU), um dos Empreendimentos de Economia Solidária (EES) atualmente incubados pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da FURB. Utilizou-se a metodologia qualitativa, por meio de uma pesquisa exploratória que teve como procedimentos técnicos: levantamento bibliográfico e documental, e entrevistas “*in locu*”. De um universo de cinquenta associados realizou-se dezenove entrevistas, sendo destas onze com mulheres e oito com homens, as quais foram gravadas e transcritas de modo a subsidiar o desenvolvimento e o atendimento dos resultados propostos. Os dados coletados nesta pesquisa revelam que na associação existe uma distribuição dos serviços baseado na divisão sexual do trabalho, sendo que os homens ficam com os trabalhos que exigem maior esforço físico e as mulheres com a separação do material coletado. Com relação à participação masculina no desenvolvimento das tarefas domésticas do lar, observa-se que embora a maioria dos entrevistados apontarem como sendo necessária uma distribuição mais equânime dessas atividades, esta é uma realidade que não se reflete na prática.

Palavras Chave: Relações de Gênero, Economia Solidária, Associação de Coletores, Economia do Cuidado.

1. Introdução

As práticas de economia solidária vêm possibilitando desenvolver um trabalho mais igualitário e que busca compreender a igualdade dos direitos sociais e de gênero nos empreendimentos de economia solidária. Para tanto, o presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada na Associação dos Trabalhadores Coletores de Resíduos Recicláveis de Blumenau (RECIBLU), localizada no município de Blumenau, SC, no ano de 2011, com o intuito de analisar as relações de gênero na associação evidenciando as possíveis contribuições da economia solidária na promoção da igualdade entre os gêneros.



Segundo a base de dados do Sistema de Informação sobre a Economia Solidária (SIES), atualizado em 2011, existem cerca de 2 1.579 Empreendimentos de Economia Solidária (EES) no Brasil.

Um dado que chama atenção, quando se verifica a distribuição dos mesmos, é que quanto menor o tamanho destes, maior é a participação das mulheres. Ou seja, elas se inserem mais nos empreendimentos que encontram maior dificuldade de manter a sua autonomia econômica. Este dado nos leva a pensar na luta constante das mulheres em busca da sua valoração e de seus direitos, bem como no lugar que a mulher vem ocupando dentro dos empreendimentos de economia solidária.

Desde os primórdios do capitalismo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho aconteceu de maneira desigual e, apesar de todas as conquistas obtidas no decorrer destes anos, tais desigualdades continuam a persistir. A economia capitalista destinou às mulheres empregos mais precarizados, geralmente informais ou em tempo parcial, com salários mais baixos, menor cobertura dos serviços de seguridade social e dificuldades de acesso aos direitos trabalhistas.

Para uma maior compreensão sobre a situação das mulheres no mercado de trabalho apresentaremos, a seguir, uma revisão bibliográfica que transcorre desde a origem da visão androcêntrica até a ideia de divisão sexual do trabalho, expondo a Economia Solidária como ferramenta potencializadora da igualdade entre homens e mulheres.

1.1 A MULHER E O MUNDO DO TRABALHO

1.1.2 A origem da opressão feminina

Uma das discussões no âmbito das relações de gênero presentes na nossa época é de que as mulheres são inferiores aos homens por natureza, ou seja, que a sua condição biológica propriamente dita, destina um lugar de inferioridade às mesmas¹. Essa ideia insere um determinismo biológico nas relações entre as pessoas, colocando a submissão da mulher na coletividade como resultado da sua formação biológica.

Segundo Toledo (2005) na perspectiva do Marxismo, a opressão feminina na sociedade não tem um fundamento natural, mas social e histórico, sendo determinado pelo lugar da mulher e do homem no sistema de produção e reprodução social. Os papéis sociais não são estabelecidos pela natureza, mas pela cultura, pelos costumes, pelas



práticas cotidianas dos povos e pela necessidade de sobrevivência. “A natureza é genuinamente maleável, obedece fielmente aos impulsos que lhe comunica o corpo social. É a sociedade que define a natureza do condicionamento das pessoas” (TOLEDO, 2005. p.32).

As relações humanas vêm sofrendo transformações, e com estas, os lugares ocupados por homens e mulheres vêm se reconfigurando. A autora Scott (1995), coloca que o termo gênero é utilizado para explicar as relações sociais fundamentadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Acrescenta ainda, que o mesmo também dá significado às relações de poder na vida em sociedade.

A opressão da mulher está fortemente relacionada aos fatores econômicos, à propriedade privada e aos meios de produção, os quais posteriormente determinaram a estrutura ideológica dessa opressão: as crenças, a cultura em geral. “Quando começou a haver exploração do homem pelo homem², ele separou-se dos meios de produção, que não encarava mais como seus. [...] Foi nesse momento que homens e mulheres passaram a alienar-se entre si, a ver um ao outro como mercadoria” (Toledo, 2005. p. 35).

Marx ao analisar o modo de produção capitalista afirmou que

O capital leva à potência máxima, a separação entre produção e reprodução da vida, e confina as mulheres às atividades ligadas à reprodução da força de trabalho, que passam a ser realizada dentro do espaço doméstico e que, mesmo quando possibilita a elas o trabalho, as insere num grau de exploração (MARX apud CRUZ, 2011. p. 01).

Para a feminista inglesa Juliet Mitchell (apud Toledo 2005), a divisão essencial que existe na sociedade não é entre patrões e empregados, ou burguesia e proletariado como apontava Marx, mas entre homens e mulheres, ou entre o que é considerado o feminino e o masculino. (p.110).

A autora Izquierdo (apud Toledo 2005) compartilhando desta mesma opinião, reconstrói a história da humanidade, desde a divisão sexual do trabalho até hoje, edificando a idéia de “gêneros sociais”:

A desigualdade das mulheres é um processo que começa com a divisão sexual do trabalho e se consolida com a constituição dos gêneros sociais: se você é mulher, tem de fazer determinadas coisas, se é homem, outras. O passo seguinte é considerar feministas as atividades feitas pelas mulheres e masculinas aquelas feitas pelos homens. O terceiro passo é diferenciar o tratamento recebido (respeito, reconhecimento, meios de vida, estilo de vida) pelas pessoas que realizam atividades feministas e os que realizam atividades masculinas. Nesse momento dizemos que têm caráter de gênero. Quando uma atividade tem caráter de gênero, as pessoas, independentemente de seu sexo, são tratadas segundo



um padrão específico, o de gênero (IZQUIERDO apud TOLEDO, 2005. p.110).

Debatendo sobre o lugar ocupado pela mulher na organização capitalista, Toledo (2005) diz que as mulheres que hoje estão em melhores condições de vida, que conseguiram ocupar nichos antes estritamente masculinos, são exemplos, por um lado, de que a luta da mulher por uma emancipação dá frutos e deve prosseguir a cada dia com mais força. Porém, por outro lado, mostra que a emancipação total das mulheres não pode ser alcançada no capitalismo (p.24).

A libertação feminina deixou de ser uma utopia, e demonstra cada vez mais ser uma necessidade para toda a humanidade independente da classe social em que a mulher se encontra, seja nas classes altas ou nas classes trabalhadoras.

Para prosseguir com estas ideias, abordaremos o conceito de economia solidaria, com o intuito de expor uma nova lógica de organização social que pode corroborar para a equidade entre os sexos.

1.2 DA DESIGUALDADE A UMA NOVA PRODUÇÃO DE VIDA: ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia capitalista é dominante no mundo desde o final do feudalismo, sendo definida como “um sistema onde praticamente todos os bens e serviços são produzidos para e obtidos através do mercado, todos os meios de produção são de propriedade privada” (WOOD, 2003, p.38). Ao passo em que ela incentiva o crescimento econômico, acaba aumentando a exploração econômica e cultural, ocasionando fenômenos como alienação social, desigualdade e desemprego.

O autor Cattani (2003) no seu livro “A outra Economia”, coloca que a economia capitalista precisa ser superada em todos os aspectos, pois “é predatória, exploradora, desumana e, sobretudo, medíocre, não correspondendo mais às potencialidades do tempo presente” (p.09).

O mesmo autor (op cit) aponta três problemas produzidos por esse tipo de economia, sendo o primeiro “acumular, acumular e acumular, sempre mais e mais”, o que dá vantagem para uma minoria; o segundo “é à agravação das desigualdades”, onde a metade da riqueza produzida é mantida por uma pequena parte da população; e a terceira é a consequência dos dois problemas citados acima “os riscos ligados à sobrevivência do



planeta”, ao explorar as riquezas naturais de maneira predatória, coloca-se em risco o meio ambiente como um todo.

Para Marx, o trabalho é o motor da sociedade, tendo a função de possibilitar o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. Singer (2008) acrescenta ainda que o trabalho é uma forma de aprender, de crescer, de amadurecer, e essas oportunidades a economia solidária oferece a todos, sem distinção. (SINGER, 2008, p. 12).

Na empresa capitalista, o trabalho deixa de ser objeto de prazer e realização, e passa a ser visto como algo mortificante. Nesta economia o trabalho ao invés de realizar o indivíduo, o escraviza, o homem troca o verbo SER pelo TER: sua vida passa a medir-se pelo que ele possui e não pelo que ele é.

A Economia Solidária é uma forma de produção, comercialização, consumo e distribuição de riquezas, voltada para a valorização do ser humano e não do capital. Distingue-se do capitalismo por duas especificidades: “a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos” (SINGER, 2003. p.116). Tem como principais características a posse coletiva dos membros, a solidariedade e a autogestão³.

Os Empreendimentos de Economia Solidária (EES) são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa. É o inverso da relação que prevalece em empreendimentos heterogestionários⁴, em que os que desempenham funções com maior responsabilidade têm autoridade sobre os outros. (SINGER, 2008, p. 289).

Na contemporaneidade a economia solidária tem um papel importante no combate ao desemprego e na inserção social, pois possibilita que pessoas a margem da desigualdade, consigam o sustento da sua família. Nesta nova maneira de produzir a vida, o trabalho se transforma em uma via de libertação humana, pois pratica uma economia democrática e igualitária⁵.

2. Material e Métodos

A metodologia deste trabalho se caracteriza por uma pesquisa exploratória, a partir da análise de dados qualitativos, com os seguintes procedimentos técnicos: levantamento



bibliográfico e documental, e a realização de entrevistas “*in locu*”, de modo a subsidiar o desenvolvimento da pesquisa e o atendimento dos resultados propostos. Esta pesquisa visou trabalhar diversos conceitos emergentes na sociedade atual, para assim contribuir para novos pesquisadores do assunto.

Em um primeiro momento foi realizado o levantamento bibliográfico das categorias centrais deste trabalho, que são relações de gênero, economia do cuidado e economia solidária, buscando mapear as produções existentes sobre as mesmas com o objetivo de qualificar as análises. Posteriormente foi desenvolvida a pesquisa qualitativa junto a um dos Empreendimentos de Economia Solidária incubados pela ITCP.

A partir disto foram entrevistados dezenove associados (de um universo de cinquenta), sendo que destes, onze foram com mulheres e oito com homens. As mesmas foram gravadas, transcritas e analisadas, para que fosse possível obter o máximo de informações, com o intuito de alcançar os objetivos desta investigação.

3. Resultados e Discussão de Dados

Esse trabalho é resultado de um segundo estudo sobre relações de gênero nos empreendimentos de economia solidária assessorados pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB)⁶. O primeiro foi desenvolvido na Associação Participativa Recicle de Indaial (APRI) no ano de 2010, e o segundo, que aqui se apresenta foi realizado na Associação de Trabalhadores Coletores de Materiais Recicláveis de Blumenau (RECIBLU) no ano de 2011. A RECIBLU foi fundada no ano de 1999, mas somente em 2011 é que esta associação passou a ser incubada pela ITCP/FURB.

A iniciativa para a criação da mesma surgiu da organização de alguns coletores locais e da Prefeitura Municipal de Blumenau. Atualmente a RECIBLU recebe apoio do poder público municipal, mais especificamente do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE) e da Secretaria Municipal de Assistência Social, da Criança e do Adolescente (SEMASCRI), além de convênios estabelecidos com outras instituições e da ITCP/FURB. A RECIBLU presta serviços de coleta, transporte, triagem, beneficiamento e destinação final dos resíduos recicláveis no município de Blumenau.

A composição atual da Associação configura-se em um total de 50 sócios, sendo que dentre estes, 20 são do sexo masculino e 30 são do sexo feminino. Em relação à gestão a associação é representada por uma diretoria composta de oito membros eleitos

entre os pares.

Um dado que já caracteriza a divisão dos papéis em relação ao gênero é que, embora o número de mulheres seja maior que o de homens, elas não ocupam nenhum cargo na gestão atual. Porém, na gestão anterior havia uma mulher, que ocupava o lugar de presidente da associação, mas depoimentos informam que a presença da integrante feminina na presidência não afetou em nada a questão de gênero no EES.

Das dezenove entrevistas, sendo destas onze com mulheres e oito com homens, construiu-se tabelas relativas à idade e escolaridade dos entrevistados, com a finalidade de traçar um perfil dos mesmos.

Tabela 1 – Faixa Etária

IDADE	MULHERES	HOMENS	TOTAL
23 > 33	5 (26%)	4 (21%)	9 (47%)
33 > 43	3 (16%)	2 (10,5 %)	5 (26,5%)
43 > 53	2 (10,5 %)	2 (10,5 %)	4 (21 %)
53 > (...)	1 (5 %)	0 (0 %)	1 (5%)
TOTAL	11	8	19

Fonte: Entrevistas realizadas com os associados da RECIBLU.

Analisando os dados referentes à idade das(os) entrevistadas(os), percebe-se que quase a metade encontra-se na faixa etária de 23 a 33 anos (47%). Acrescentando-se os da faixa etária de 33 a 43 (26,5%) obtém-se o percentual de 74%, o que dá três quartos do número total. Constata-se com isto, que os associados da RECIBLU são, em sua esmagadora maioria, constituídos por pessoas jovens. Em relação à idade versus gênero, observa-se que não há muitas diferenças.

Tabela 2 – Escolaridade

GRAU DE ESCOLARIDADE	MULHERES	HOMENS	TOTAL
Fundamental Incompleto	8 (42%)	4 (21%)	12 (63%)
Fundamental Completo	0 (0 %)	1 (5 %)	1 (5 %)
Médio Incompleto	0 (0 %)	1 (5 %)	1 (5 %)
Médio Completo	3 (16%)	2 (10,5 %)	5 (26%)

Fonte: Entrevistas realizadas com os associados da RECIBLU.

Com Relação à escolaridade verifica-se que 63% dos entrevistados possuem apenas o Ensino Fundamental Incompleto, sendo destes 42% mulheres e 21% homens, ou seja, embora o nível de escolaridade, em geral seja baixo, as mulheres encontram-se entre os índices mais baixos.

Estes dados são elementos que nos ajudam a esclarecer o motivo que levou estas(es) entrevistadas(os) a trabalhar na RECIBLU. O movimento competitivo que tanto exige o progresso e o desenvolvimento acaba fazendo com que os indivíduos, que não se adaptam ao perfil exigido pela economia capitalista fiquem à margem do mercado formal, levando-os ao desemprego, trabalho informal e/ou precário.

Tensionados a essa exclusão, onde a força de trabalho que não interessa ao capital fica fora do sistema, os sujeitos (como os membros da RECIBLU), são levados a procurar outros meios de produção de renda que os possibilitem desfrutar de uma vida mais digna.

Buscando sustentar na prática tais afirmações, investigamos dados que abrangem a composição familiar das(os) entrevistadas(os) e, com estes construímos a tabela a seguir.

Tabela 3 – Composição familiar

VARIÁVEIS			
Estado Civil	Mulheres	Homens	Total
Solteira	4 (21%)	3 (16%)	7 (37%)
Casada	5 (27%)	2 (10,5 %)	7 (37%)
União Estável	2 (10,5 %)	3 (16%)	5 (26%)
Nº de Filhos	Mulheres	Homens	Total
0	5 (27%)	3 (16%)	8 (42%)
1 a 2	3 (16%)	2 (10,5 %)	5 (27%)
3 a 4	3 (16%)	2 (10,5 %)	5 (27%)
+ de 4	0 (0%)	1 (5 %)	1 (5 %)

Fonte: Entrevistas realizadas com os associados da RECIBLU.

Tratando-se da composição familiar da associação observa-se que apenas 37% (21% mulheres e 16% homens) dos entrevistados são solteiros, o restante 64% ou estão em união estável (10,5% mulheres e 16% homens) ou são casados (27% mulheres e 10,5% homens). Com relação aos filhos, apura-se que 59%, sendo destes 32% mulheres e 26% homens, dos sujeitos da amostra possuem filhos.

Tabela 4 – A RECIBLU é a única fonte de renda da família?

	MULHERES	HOMENS	TOTAL
SIM	2 (10,5 %)	1 (5 %)	3 (16%)
NÃO	9 (47%)	6 (32%)	15 (79%)
TOTAL	11	8	19

Fonte: Entrevistas realizadas com os associados da RECIBLU.

Tabela 5 – Renda Familiar

VALOR	MULHERES	HOMENS	TOTAL
R\$ 800,00 – R\$ 1.100,00	2 (10,5%)	2 (10,5%)	4 (21%)
R\$ 1.200,00 – R\$ 1.500,00	4 (21%)	3 (16%)	7 (37%)
R\$ 1.600,00 – R\$ 1.900,00	2 (10,5%)	3 (16%)	5 (26,5%)
R\$ 2.000,00 – R\$ 2.200,00	3 (16%)	0 (0%)	3 (16%)
TOTAL	11	8	19

Fonte: Entrevistas realizadas com os associados da RECIBLU.

Por meio das tabelas 4 e 5, vê-se que três grupos familiares não possuem outra renda, além da retirada mensal da RECIBLU, que é em média de R\$ 800,00. Neste sentido verifica-se que o trabalho na associação vem sendo a única fonte de renda para essas famílias, onde duas delas são chefiadas por mulheres (Adriana e Mayara). Diante disto, constatamos que as mulheres se encontram entre os grupos mais pauperizados entre os associados.

Conhecendo como se desenvolve o trabalho de reciclagem na RECIBLU, verificou-se que a separação de atividades é baseada na divisão sexual do trabalho⁷ que determina o trabalho que cada membro deve desempenhar conforme a sua condição biológica (homem/mulher).

Segundo as(os) entrevistadas(os) na RECIBLU os homens permanecem com os serviços que exigem maior esforço físico, como: prensar os fardos, coletar o material reciclado e colocar os mesmos na esteira para a separação. Já as mulheres desenvolvem o trabalho da triagem, que consiste na separação do material propriamente dita. Como podemos ver no relato a seguir:

Os homens fazem mais a coleta, e o trabalho da prensa, que é prensar o material que foi selecionado. Então os homens trabalham na prensa, prensando a matéria prima que foi separada. E as mulheres são na triagem mesmo, os coletores trazem o lixo reciclado, os papéis e as coisas, daí têm dois senhores que abrem a sacola/caixa e coloca em cima da esteira, a esteira vem rodando, uma pega só a latinha, outra pega só garrafa pet, outra só papel branco, outra só sacolinha, outra



só plástico transparente, isso é a seleção e as mulheres fazem isso (Entrevista com Fabíola).

Na opinião dos mesmos essa divisão acontece devido ao fato de que os homens possuem maior condição física, se comparado às mulheres, para realizar atividades que requerem força. Como podemos ver nos relatos a seguir:

Olha, pela minha opinião, eu acho que pras mulher na esteira é mais fácil porque é só separar, agora no caminhão é mais sofrido porque é mais corrido, pesado, é capaz de se cortar. Não vou dizer que a mulher não tem força, mas depois pode fazer mal. Mas tipo, na prensa, um homem é o suficiente agora já se fosse só uma mulher não dava, é fácil dela se machucar (Entrevista com Pedro).

A triagem pras mulheres é mais fácil, mais leve. Que nem os coletores têm sacolas que é mais pesado. As mulheres já avançaram bastante nessa área de invadir o mundo masculino que entre aspas, antes era só o homem que fazia né! E ainda tem essa divisão bem... homens aqui e mulheres ali, então por exemplo, na prensa não tem nenhuma mulher, o que não seria impossível, mulher tá ali na prensa, porque é só colocar o material ali, só abaixa, é elétrico né. Só que eu acho que nenhuma se interessa, eles dividiram masculino e feminino, mas pra mim isso não teria problema nenhum de a mulher ir prensar ou ir pra coleta. Sempre foi assim, essa divisão. Eles não contratam mulheres pra coleta, é uma coisa que a pessoa chega e já tá determinado, a mulher chega e vai pra esteira e o homem pro serviço mais pesado. Porque é pesado mesmo, tipo os fardos, tem que ser uma mulher meio macho né! (Entrevista com Fabíola).

Dessa maneira, podemos dizer que a divisão sexual do trabalho vem sendo utilizada para determinar a separação do trabalho na RECIBLU. Essa divisão é naturalizada no decorrer do tempo, sendo apropriada pelo mercado e conseqüentemente interferindo no mesmo.

Em diversos postos de trabalho, os homens se apropriam da tecnologia enquanto conceito, desenvolvem tecnologias de produção específicas que reivindicam como direito deles, e que defendem como domínios masculinos (...) E a partir da apropriação da esfera tecnológica pelos homens há uma construção social do feminino como incompetente tecnicamente. (COCKBURN, 1983, apud HIRATA, 2002, p. 199).

Segundo a autora Carloto (2002) as reestruturações produtivas e as mudanças que elas acarretam na organização do mercado e do trabalho no atual contexto da globalização, pouco são analisadas do ponto de vista das diferenças de gênero⁸. Entretanto, os impactos das reestruturações produtivas sobre as condições de trabalho sofrem variações segundo o sexo e a mão-de-obra (CARLOTO, 2002, p.01).

Algumas das explicações para tal fenômeno buscam naturalizar essa divisão, apoiando-se num determinismo biológico.



A questão que se coloca é que esta divisão é carregada de significados e de práticas, que mudam conforme os diferentes tipos de sociedades e seu momento histórico. Tem em comum o fato de que o trabalho das mulheres, e aqui vamos nos deter na formação social capitalista, não ser tido apenas como diferente, mas como um trabalho que não recebe a mesma valorização e conseqüente remuneração atribuída ao trabalho masculino. (CARLOTO, 2002, p.02).

As autoras Hirata e Kergoat (2007) utilizando o termo “divisão social do trabalho” acrescentam dois princípios organizadores na organização do mercado de trabalho:

O princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço e podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA e KERGOAT, 2007, p.599)

Neste sentido Carloto (2002) esclarece ainda que, mesmo as mulheres se inserindo cada vez mais no mercado de trabalho, elas ainda continuam responsáveis pelas atividades reprodutivas e pelos cuidados com a casa e com os membros da família, ainda são vistas como aquelas que “ajudam no orçamento familiar”, enquanto aos homens cabe o papel de provedor (CARLOTO, 2002, p. 07).

Pretendendo conhecer como ocorre a divisão das tarefas domésticas no âmbito privado das(os) entrevistadas(os), buscamos levantar dados referentes à participação da(o) companheira(o) na realização das atividades domésticas. No que diz respeito às respostas femininas, elas revelam que esporadicamente seus companheiros ajudam em alguma tarefa, conforme relatos a seguir:

Eu faço tudo, meu marido faz alguma coisa quando ele quer, mas é muito difícil, quando ele tá de bom humor, ele ajeita a cama, ou lava uma louça. Homem nordestino é mais machista, chega, deita, e acha que tudo é da mulher (Entrevista com Fabiana).

Meu marido não adianta contar pra essas coisas. Homem limpado casa eu acho estranho, não faz a mesma coisa do que a gente, ele até tenta, mas vai dobra uma roupa não é igual a minha, vai passa um pano na casa não é igual ao que eu faço, daí eu faço (Entrevista com Lurdes).

No que compete às respostas masculinas, destacamos dados de três entrevistados, João, Thiago e Jeferson, os quais moram sozinhos e realizam todas as atividades domésticas, provendo assim o cuidado com o lar.



Todas(os) entrevistadas(os) relatam que vêm importante e necessária a distribuição dos afazeres domésticos entre os pares, pois hoje tanto o homem quanto a mulher estão inseridos no mercado de trabalho, necessitando da colaboração de ambos nos afazeres da casa.

Eu acho que é a obrigação deles, vamos supor que a mulher trabalhe fora, tem filho. Daí que cuida do filho, cuida do serviço, cuida do marido, limpa a casa, lava passa, cozinha, daí o homem só trabalha e não faz mais nada? Se eu arrumá um marido ele vai ter que me ajudar (Entrevista com Ester).

Olha, eu acho que o tempo vai passando e os homens vão deixando de ser machista, eu acho que isso aí é uma ignorância, no meu ver, porque dizem: ah porque eu sou homem e não ou fazer o serviço da casa, comida, porque é serviço da mulher. Eu acho que a mulher tem o mesmo direito que o homem. O certo é dividir as tarefas pra não fica pesado pra nenhum dos dois, eu acho que o homem devia participar mais (Entrevista com Pedro).

Eu acho muito bom, quebro um pouco o tabu do machismo né. Que antigamente, na minha época eu nunca vi o meu pai ir pra pia lavar a louça, não era divido as tarefas, a mulher era sobre carregada, tinha que cuida de casa, trabalhar fora e o homem chegava tomava seu belo banho e ia ver TV. A mulher que tinha que arca com todas as atividades. E agora não né, agora a gente chega em casa e cada um se ajuda (Entrevista com Fabíola).

Sendo assim, indo ao encontro destes dados levantados nesta pesquisa, apresentamos o conceito de “economia do cuidado” que é utilizado para definir o trabalho realizado na esfera doméstica, no cuidado e educação com os filhos, bem como na assistência a todos os membros familiares que necessitam de atenção especial como idosos ou enfermos⁹.

A economia do cuidado, ou seja, o trabalho realizado na esfera doméstica é essencial para o desenvolvimento e manutenção dos elementos relacionados de organização social. Como afirma Salvador (2007): “La economía del cuidado es esencial para el desarrollo y mantenimiento de la salud y las capacidades de la fuerza de trabajo, pero también en el desarrollo y antenimiento del tejido social: el sentido de comunidad; de responsabilidad cívica; las reglas, las normas y los valores que mantienen la confianza, la buena voluntad y el orden social”. (p.06).

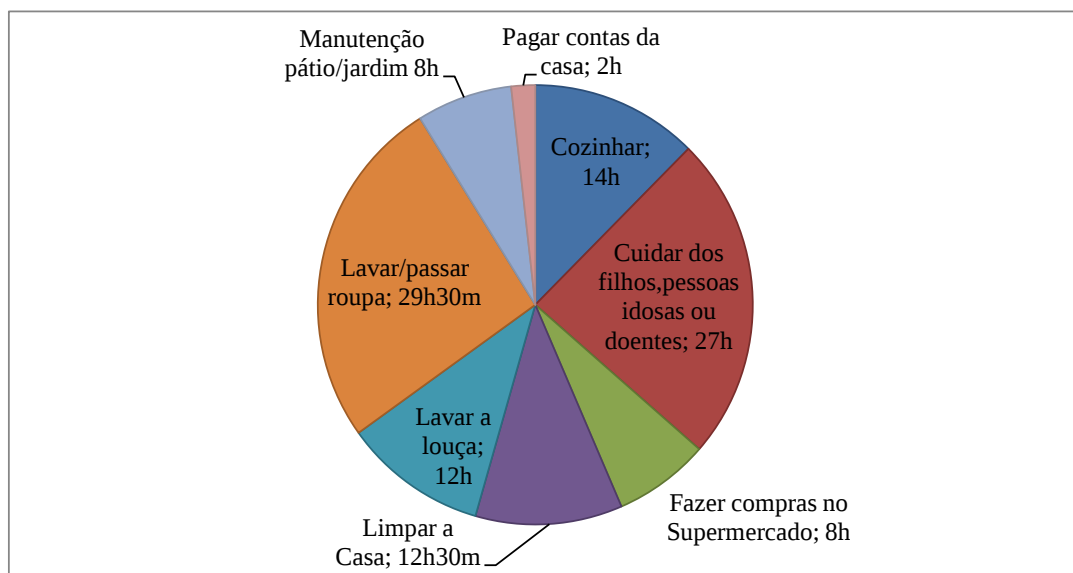
As atividades relacionadas à “economia do cuidado” pouco são introduzidas na discussão de política econômica. São caracterizadas pela sua função social, mas não do ponto de vista econômico. Elson apud Salvador (2007) esclarece que “son económicas en el sentido que requieren el uso de recursos escasos, y porque proveen insumos vitales para los sectores económicos incluyendo al sector público y al sector privado”. (p.06).

No caso das mulheres, um fator muito importante são as restrições impostas pelas atividades reprodutivas, ou seja, toda a carga das tarefas relativas ao cuidado da

casa, das crianças, dos mais velhos, que continua sendo assumida principalmente — quando não exclusivamente — pelas mulheres. Esse é um trabalho que consome um número importante de horas por dia e que não tem um valor econômico reconhecido pelo mercado.

Para estudar mais este tema, procurou-se conhecer como ocorre a distribuição dessas atividades relacionadas à economia do cuidado, bem como o número de horas gastas pelos homens e pelas mulheres. Tais dados serão apresentados em forma de gráficos que demonstrarão como acontece essa separação no contexto familiar dos entrevistados.

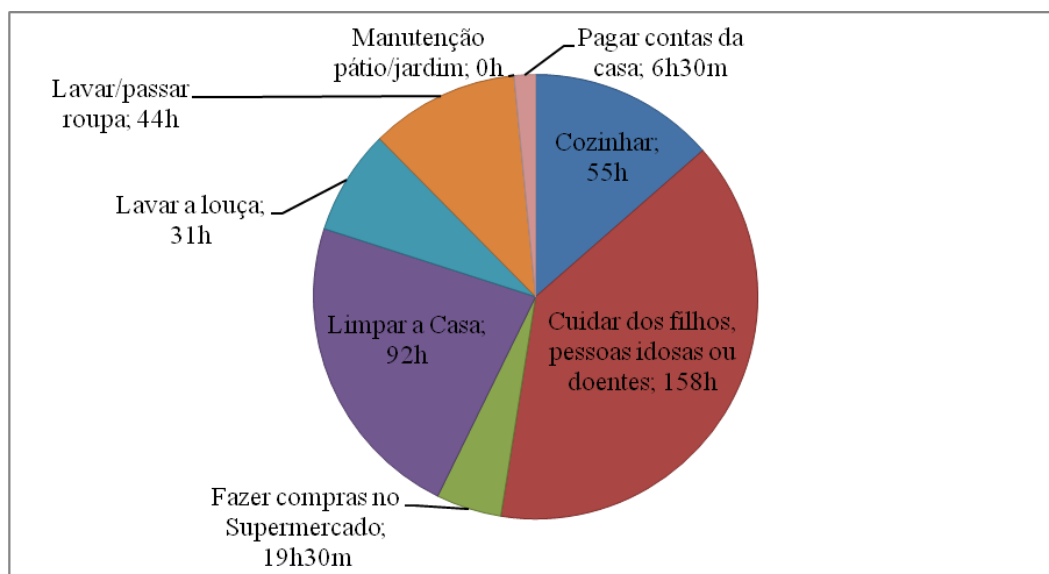
Gráfico 1. Horas totais gastas pelos homens nas atividades domésticas semanalmente.



Fonte: Entrevistas realizadas com os associados da RECIBLU.

Os dados acima indicam que os homens despendem 113 horas semanais nas atividades domésticas, resultando em uma média de 14 horas e 30 minutos/semana para cada homem, totalizando em 1 hora e 50 minutos/dia. Veremos, a seguir, como isto se dá em relação às mulheres.

Gráfico 2. Horas totais gastas pelas mulheres nas atividades domésticas semanalmente.



Fonte: Entrevistas realizadas com os associados da RECIBLU.

Em relação às mulheres, observa-se que no total, elas trabalham 314 horas semanais, resultando em 28 horas e 32 minutos/semana para cada mulher, totalizando em 4 horas e 4 minutos/dia. Com isto constata-se que as mulheres consomem o triplo de horas semanais, se comparados aos homens, para realizar as atividades domésticas. Exceto no serviço e manutenção do pátio/jardim, o qual vê-se que não é uma atividade realizada pelas mesmas.

Assim, percebe-se que apesar de acreditarem necessária a distribuição dos serviços domésticos entre os pares, esse é um fato que não vem sendo reproduzido de maneira equânime na prática. As mulheres se dividem entre o trabalho na esfera pública e privada, transmitindo uma realidade onde elas realizam a grande maioria dos trabalhos, resultando em duplas ou triplas jornadas, os quais são “invisíveis” e sem reconhecimento. Diante disto comprova-se que, para os associados da RECIBLU, os trabalhos domésticos ainda são atribuídos apenas às mulheres como algo da sua natureza, como já constatado pelas autoras Carloto, Hirata e Kergoat.

Nesta mesma perspectiva a autora Guedes esclarece que apesar do ingresso da mulher na esfera do trabalho público, o homem deixou de ser o único provedor do sustento da família. No entanto, a realização das tarefas domésticas não vem sendo acompanhadas de uma divisão mais igualitária. Mesmo elas participando da renda familiar ou até mesmo sendo a única responsável pelo sustento da família, na maioria dos casos, o cuidado com os membros da família e o lar, ainda são exclusivamente tarefas femininas. (GUEDES, 2007, p.04).



Os dados que vem sendo coletados nas Pesquisas Nacionais de Amostra por Domicílio (PNAD) demonstram que nas últimas décadas as famílias têm sido o principal foco de mudanças comportamentais, “com a queda da taxa de fecundidade, o aumento da longevidade, o crescimento da escolaridade e da chefia feminina, o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, entre outras”. (SOARES, 2008, p.10). Entretanto, na prática, isto não está revertendo em mudanças na esfera doméstica ou mais especificamente no que se refere à economia do cuidado, pois como estamos observando com os dados coletados na RECIBLU, à mulher ainda cabe a principal responsabilidade pelas tarefas de cuidados.

Segundo Bandeira (2010), mesmo a mulher brasileira assumindo o papel de provedora, em muitas situações, ela ainda continua sendo a principal responsável pelo cuidado doméstico. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do IBGE (PNAD 2008, nº 31) demonstram que:

A proporção de mulheres ocupadas que se dedicam a afazeres domésticos em 2008 foram de 87,9% e a de homens, 46,1%. Mais expressiva foi a diferença no número médio de horas trabalhadas em afazeres domésticos. As mulheres ocupadas despendiam, em média, 20 horas semanais e os homens 9. (PNAD, 2008)

Comparando os dados nacionais no PNAD com os dados coletados na RECIBLU, observa-se que as mulheres da RECIBLU trabalham, em média, 28 horas semanais, o que resulta em uma diferença de 8 horas a mais do que a média nacional. Considerando que a média nacional incorpora as horas das mulheres de todas as classes, pode-se inferir que quanto menor é a renda familiar, mais tempo as mulheres dedicam-se as atividades domésticas. No que se refere à comparação das horas distribuídas por sexo, constata-se que tanto na RECIBLU quanto na média nacional, as mulheres consomem quase três vezes mais horas nestas atividades do que os homens.

Analisando-se as horas consumidas pelos homens na RECIBLU e na média nacional, observa-se que os homens da RECIBLU despendem 14 horas e 30 minutos de seu tempo para as atividades domésticas. Já a média nacional, este valor cai para 9 horas. Na mesma direção no que se refere às mulheres, podemos dizer que os homens da RECIBLU, por se encontrarem nos níveis mais baixos da população, os mesmos trabalham mais do que a média nacional.

Ainda hoje, encontramos concepções antigas e tradicionais sobre as relações de poder entre o feminino e o masculino. A visão predominante na economia capitalista é andocêntrica e patriarcal, e “só considera como trabalho aquele que produz lucro. Sendo



assim, não valoriza nem visibiliza o trabalho reprodutivo, responsável pelo cuidado com as pessoas e a reprodução da vida, este sim realizado pelas mulheres”. (SANTOS 2009, p. 76).

A constante busca das mulheres pela sua emancipação altera a configuração das famílias e interfere no sistema econômico do país. Por isso, é de suma importância que as questões relacionadas ao gênero sejam incluídas e debatidas nas propostas de políticas públicas, proporcionando assim, um desenvolvimento humano mais equânime entre os sexos.

4. Considerações Finais

Embora esta pesquisa não tenha tido a pretensão de verificar se a economia solidária em si, está promovendo mudanças nas relações de gênero, o fato de termos escolhido um EES para verificar estas mudanças nos dá alguns indicativos de que a maneira de trabalhar da ES pode ser um caminho para se repensar as relações de poder e de distribuição do capital.

Os novos modos de produção de trabalho e renda na esfera pública da classe trabalhadora são fonte de interesse para pesquisas que visam abordar a forma com que a sociedade vem se organizando e as suas conseqüências no mundo. A economia solidária é um destes modos de produção e distribuição de renda que tem por base a reorientação da economia a serviço do ser humano e da equidade entre homens e mulheres. Suas práticas permitem desenvolver um trabalho ecológico e socialmente sustentável, promovendo uma melhor qualidade de vida para a coletividade.

Neste sentido analisar as relações de gênero dentro de um empreendimento de economia solidária, significa verificar se essa solidariedade proposta na adoção destes princípios corrobora para uma distribuição mais igualitária entre os sexos. Possibilita ainda, reconhecer a organização da sociedade baseada na distribuição sexual do trabalho, a qual separa as “atividades femininas” das “atividades masculinas”.

A RECIBLU vem adotando este modelo de separação para distribuir os serviços dentro da associação. Verifica-se que a mesma é apoiada em um determinismo biológico, sendo apropriado de maneira natural entre os pares. Essa é uma realidade que se reflete na vida privada dos mesmos, onde a mulher ainda dispõe de maiores horas para a manutenção e cuidado com o lar.



Apesar dos modelos contemporâneos de família terem sofrido influência das novas relações de gênero, as mulheres ainda são responsáveis pelos cuidados com o lar e com os filhos. “Qualquer que seja sua condição na família, as mulheres participam com mais intensidade e gastam um número de horas muito mais elevado do que os homens no cuidado de tais atividades” (SOARES, 2008, p.10).

A entrada da mulher na esfera pública não a eximiu das suas “responsabilidades” com a casa e a família, pelo contrario, vem agregando mais trabalho, e conseqüentemente, sobrecarregando as mesmas. As discussões sobre a economia do cuidado tem se mostrado útil para comprovar esta dupla ou muitas vezes tripla jornada de trabalho e, embora a participação masculina nestas responsabilidades esteja sendo colocada na agenda de discussão, ela ainda não é uma realidade para a maioria das famílias.

* Doutora em Ciência Política, Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Regional de Blumenau, Coordenadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais (NEPEMOS) e Extensionista do Projeto Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, edinara@furb.br.

* Acadêmica da nona fase do Curso de Bacharelado em Psicologia e Formação de Psicólogo da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Bolsista de iniciação científica do Programa de Incentivo à Pesquisa (PIPE/ FURB), cbneckel@gmail.com.

¹ “A mulher nasce e é educada para ser oprimida, para saber ‘o seu lugar’ no mundo, que é sempre em qualquer âmbito, um lugar subalterno. É configurada a aceitar essa condição como se fosse algo natural, e ainda por cima, com um sorriso nos lábios; contido, claro”. (Toledo, 2005. p.23).

² “Surgiu uma terceira relação: o homem passou a ser escravo do trabalho. Quando deixou de trabalhar para satisfazer o prazer e passou a trabalhar por uma excedente; quando a procriação deixou de ser apenas um subproduto de sua relação sexual e passou a ser uma imposição para a mãe; quando ter filho passou a ser uma atividade alheia à mulher, pertencente a outro, a procriação passou a ser a perda de si mesma”. (TOLEDO, 2005. p.36)

³ A autogestão significa que a mais completa igualdade de direitos de todos os membros deve reinar nas organizações da economia solidária. (SINGER, 2003. p. 116).

⁴ Este termo ajusta-se ao capitalismo, onde predomina a relação patrão x empregado sendo geralmente acompanhado de uma administração hierárquica formada por níveis sucessivos de autoridade, entre os quais as informações e consultas fluem de baixo para cima, e as ordens e instruções de cima para baixo (SINGER, 2002. p. 16).

⁵ A economia solidária pretende igualar os níveis de poder apontando uma nova lógica de desenvolvimento sustentável onde todos são proprietários e produtores por igual. (SINGER, 2008. p. 03).

⁶ A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/FURB) é um projeto de extensão universitária da Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, criado para implementar ações alternativas de geração de trabalho e renda na perspectiva da Economia Solidária (ANDRADE E SILVA, 2005).

⁷ O conceito da “divisão sexual do trabalho” vem sendo utilizado para discutir a distribuição do trabalho entre homens e mulheres, e em como esta distribuição vem sofrendo mudanças no decorrer dos anos, as quais

não deixam de ser desiguais. “A sociedade utiliza essas diferenciação para hierarquizar as atividades, e, portanto os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero”. (HIRATA e KEGOAT, 2007. p.596).

⁸ O termo gênero compreende a maneira como se manifesta a identidade sexual dos indivíduos, envolvendo características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas. (SCOTT, 1995, p. 73).

⁹ La economía del cuidado [*care economy*] se define como el trabajo realizado, primordialmente en la esfera doméstica, para el cuidado de las personas que se complementa con trabajo asalariado en el hogar, trabajo asalariado en los servicios públicos y privados y trabajo social voluntario. Existe, por lo tanto, una esfera de esa economía del cuidado que es remunerada y otra que es no remunerada. El trabajo no remunerado desarrollado en el ámbito familiar es el núcleo de ese proceso de reproducción social sobre el cual recae la responsabilidad final de armonizar las demás formas de trabajo y/o absorber sus insuficiencias (SALVADOR, 2007, p.06).

5. Referências

ANDRADE, Edinara Terezinha de. SILVA, Marilú Antunes da (2005) “Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP/FURB – Consolidando a Economia Solidária em Blumenau e Região”. **II Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil**, Cascavel.

BANDEIRA, Lourdes Bandeira. “Importância e motivações do Estado Brasileiro para pesquisas de uso do tempo no campo de gênero”. **II Seminário Internacional sobre Pesquisas de Uso do Tempo**. Rio de Janeiro 9 e 10 de set de 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/seminario-internacional-discute-as-pesquisas-de-uso-do-tempo>. Acesso em: 09 ago 2011.

BRASIL. PORTAL SOCIAL. Disponível em: <http://doacoes.portalsocial.org.br/Instituicoes/Instituicao.aspx?IDInstituicao=1103>. Acesso em: 03 jan 2011.

CARLOTO, Cássia Maria (2002). “Gênero, Reestruturação Produtiva e Trabalho Feminino”, in, **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 2, jan./jun.

CATTANI, Antonio D (2003). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 306p.

CRUZ, Tânia Mara. **A Opressão da Mulher: da natureza à cultura**. Disponível em: www.forumlp.org.br/index.php?option=com_docman&task. Acesso em: 19 jul 2011.

GUEDES, Moema (2007) “A Economia do Cuidado: as instituições no Brasil”, in: **Estudio comparativo de la economía del cuidado em Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México y Uruguay**, . Montevideo: IGTN,. Disponível em: http://www.equit.org.br/docs/publicacoes/livros/CGE_Br_Economia.pdf. Acesso em: 27 mai. 2010.

HIRATA, Helena (2002) **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo.



HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle (2007) “Novas configurações da divisão sexual do trabalho”. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 132, Dec. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 de Outubro de 2010.

PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. **Comunicado da Presidência, Primeiras Análises: Demografia, Trabalho e Previdência**, nº 31/2008.

SALVADOR, Soledad (2007). **Estudio comparativo de la economía del cuidado em Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México y Uruguay**. Montevideo: IGTN. Disponível em: www.generoycomercio.org/areas/investigacion/Salvador07.pdf. Acesso em: 27 mai. 2010.

SANTOS, Graciete (2009) Economia Solidária e Feminista: um encontro possível. **Cadernos feministas de Economia & Política**, Recife: n.5, p. 69-90.

SCOTT, J (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: v.2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez.

SINGER, Paul (2002) **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 127p.

SINGER, Paul (2003). Economia Solidaria. In: CATTANI, Antonio David. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 306p.

SINGER, Paul (2008). **Economia solidária. Estudos Avançados**. São Paulo, v. 22, n. 62, abr. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103014200800100020&lng=es&nrm=iso. Acesso em 19 de Agosto de 2010.

SOARES, Cristiane A. A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família, **Anais do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)**, Caxambu (MG), 29/09 a 03/10, 2008.

TOLEDO, Cecília (2005) **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2. ed. São Paulo : Ed. Instituto José Luís e Rosa Sundermann,. 148 p.

WOOD, Ellen. Meiksins (2003) O que é (anti) capitalismo? **Crítica Marxista**. São Paulo, n.17, p. 37-50. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica17-A-wood.pdf>. Acesso em: 03 ago 2011.